

Contos africanos

dos países de língua portuguesa

Albertino Bragança • Boaventura Cardoso

José Eduardo Agualusa • Luandino Vieira

Luís Bernardo Honwana • Mia Couto • Nelson Saúte

Odete Costa Semedo • Ondjaki • Teixeira de Sousa

Seleção e organização de textos

Rita Chaves

Ilustrações

Apo Fousek

*As grafias dos contos originais foram preservadas na medida em que respeitem
o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2008.*

VOLUME 44

ea
editora ática

PARA GOSTAR DE LER

Sumário

APRESENTAÇÃO

Por um mar navegam as mesmas palavras, 7

MOÇAMBIQUE

O dia em que explodiu Mabata-bata • Mia Couto, 14

As mãos dos pretos • Luís Bernardo Honwana, 24

O enterro da bicicleta • Nelson Sáúte, 30

CABO VERDE

Dragão e eu • Teixeira de Sousa, 44

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Solidão • Albertino Bragança, 64

GUINÉ-BISSAU

A Lebre, o Lobo, o Menino e o Homem do Pote • Odete Costa Semedo, 76

ANGOLA

Nós chorámos pelo Cão Tinhoso • Ondjaki, 98

Passai por um sonho • José Eduardo Agualusa, 106

Gavião veio do sul e pum! • Boaventura Cardoso, 112

Zito Makoa, da 4ª classe • Luandino Vieira, 122

APÊNDICE

A mesma língua, outro continente, diversos países 131

BIBLIOGRAFIA. 143

POR UM MAR NAVEGAM AS MESMAS PALAVRAS

O que podemos ter em comum com a África? Em especial com Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, cinco dentre mais de cinquenta países de tão vasto e diversificado continente?

A África permanece desconhecida entre nós, ainda que todos os dias algo venha nos lembrar dos laços que a ela nos unem. Laços que, no caso desses cinco países, passam especialmente pela língua oficial, que é a mesma e tão diversa, expandida em um oceano: o português*. No entanto, esses países – que foram colônias lusitanas até os anos 1970 – desenvolveram uma relação com a língua portuguesa diferente da nossa. Ali, nem todos os habitantes são falantes do

* Em julho de 2007, a Guiné Equatorial, que já tinha o espanhol e o francês como idiomas oficiais, passou a adotar também o português. Sua história, no entanto, a separa dos outros cinco países mencionados acima. Apesar de também ter sido descoberta por portugueses no século XV, a Guiné Equatorial não teve colonização lusitana, e sim espanhola. Esse fato influenciou, naturalmente, todas as suas vertentes culturais, incluindo a literatura, que, por esse motivo, não está presente neste livro. (N.E.)

português. Há muitas outras línguas correndo por seus territórios: só em Angola são muitas, como o quimbundo e o quicongo; em Moçambique, o número também é exorbitante, e inclui o macua e o xichangana; Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe falam variações do crioulo, entre outras línguas. Nessa babel, o português tem um papel importantíssimo: reforçar a unidade nacional a cada um desses países e permitir que eles possam estreitar contato com outras nações lusófonas. A língua portuguesa é o idioma presente nos documentos oficiais, o ensinado nas escolas e o usado por muitos escritores na literatura.

Esta antologia traz contos, em língua portuguesa, de uma África historicamente recente. Quem estiver habituado a encontrar, apenas nos noticiários, as terras e os povos africanos reduzidos à violência e à miséria vai se surpreender. É verdade que esses problemas fazem parte de sua história e principalmente de seu presente, mas não são os únicos fatos a serem destacados. As literaturas africanas são chaves para penetrar os muitos mundos que o continente guarda, desvendando alguns de seus mistérios pelas palavras.

Nesses contos percebemos que as lições do passado, quase sempre associadas ao campo, convivem com as marcas da vida urbana, revelando-nos uma pluralidade de situações que exprimem a força da vida moderna. Aprende-se com as lendas e as fábulas orais, mas se engana quem acha que o continente está preso ao passado, de costas para o futuro*.

A diversidade também está expressa no período em que os contos foram produzidos. Vejamos os casos de Moçambique e Angola: os dois maiores e mais representativos, no campo literário, países desse grupo. De Moçambique, temos “As mãos dos pretos”, de Luís

* Para conhecer a história desses países, leia o texto “A mesma língua, outro continente, diversos países” na página 131. (N.E.)

Bernardo Honwana, escrito ainda no tempo em que o território era colônia, diferente de “O dia em que explodiu Mabata-bata”, de Mia Couto, e “O enterro da bicicleta”, de Nelson Saúte, que falam de um país já emancipado. Como representantes de Angola, “Zito Makoa, da 4ª classe” é de Luandino Vieira, o escritor que muda a literatura angolana nos anos 1960 e retrata com pungência e sutileza as agruras de um momento histórico repressor e violento. Nos anos 1970, Boaventura Cardoso se destaca pela visão política, pelo bom uso da oralidade, como vemos em “Cavião veio do sul e pum!”. José Eduardo Agualusa, autor de “Passei por um sonho”, surge no fim dos anos 1980 e Ondjaki, com o conto “Nós chorámos pelo Cão Tinhoso”, traz em suas palavras os ventos da novíssima geração.

Apesar de menores, os outros três países ostentam grande riqueza cultural. Ainda no continente, a Guiné-Bissau traz Odete Costa Semedo com seu fabular “A Lebre, o Lobo, o Menino e o Homem do Pote”, estabelecendo um diálogo com a tradição oral. Partindo para o mar, chegamos a Cabo Verde, representado por “Dragão e eu”, de Teixeira de Sousa. Nesse arquipélago encontramos muita similaridade com o nordeste brasileiro: o clima árido, a força das pessoas e a presença da música são marcas da vida em suas pequenas ilhas. Navegando mais ao sul, aportamos em São Tomé e Príncipe. Vem dali o conto “Solidão”, de Albertino Bragança, povoado por cenas que nos falam da vida junto ao mar, da força da música e do clima de desamparo que seus personagens enfrentam.



O português em que esses contos são escritos tem a força de uma língua que conhecemos bem. É a língua cotidiana que ali está, mas que, em cada um dos países, encontra diferentes formas de se realizar. Há mistura com os idiomas locais, palavras novas,